

# ○ CAVALEIRO NEGRO ○

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça estilo banguê-banguê aventura em três atos  
e cinco personagens

## PERSONAGENS

Doutor Robledo (Cavaleiro Negro)

Carol

Xerife

Laredo

Jack Paloma

[além de 2 pontas]

## ESCALA DE CENÁRIOS:

1º ato – área de lazer ou de reuniões do hotel.

2º ato – outro compartimento do hotel

3º ato – O mesmo do 1º ato.

**1º ATO**

NA CENA, O XERIFE SENTA NA MESA, TOMANDO UM GOLE DE UÍSQUE.

XERIFE — É, Laredo está demorando... Será que houve algum problema?! Não... Não. Acho que está tudo nos conformes.

CAROL ENTRA EM CENA

Carol — Bom dia, delegado!

Xerife — Bom dia, Carol. Hoje o dia promete, Carol.

Carol — É... Começou bem movimentado hoje.

Xerife — Vai ser muito bom para os negócios.

Carol — Nem fale mesmo. Estamos precisando. [NISSO ROBLEDO CHEGA DE MALA E CUIA] O quê?!

Robledo — Bom dia ou boa tarde. Nem sei!

Carol — Tudo é bom. Pelo jeito, gente nova na cidade?

ELA JÁ VAI CUMPRIMENTANDO-O

Robledo — É... Meu nome é Eron... Eron Robledo, o novo médico.

O XERIFE VEM CUMPRIMENTÁ-LO

Xerife — Como vai, Doutor. Espero que tenha feito uma boa viagem.

Robledo — Sim! Cheguei são e salvo, apesar das estradas um pouco buras-quentas. Como vai, Xerife?

Xerife — É. Sou só xerife, não dá pra cuidar de tudo!

Carol — Escolheu um péssimo lugar para o seu trabalho.

Robledo — São os ossos do ofício. A gente se acostuma com tudo. Senhorita... Senhorita...

Carol — Carol, ao seu dispor. Sou a dona do hotel e das lojas. Em que posso servi-lo?

Xerife — Bem, eu vou deixar vocês aí conversando. Fique à vontade, doutor. Tenho negócios a tratar.

Robledo — Ah sim, sim. Tudo bem, Delegado. [E O XERIFE SAI DE CENA] Como eu ia dizendo, soube que a cidade está sem médico há um tempo e vim!

Carol — Chegou numa boa hora, Doutor. Pena que a cidade está infestada de bandidos.

Robledo — Mas esse problema poderá ser resolvido.

Carol — Que ingenuidade, doutor Robledo! Não conhece o bando de Laredo.

Robledo — [À PARTE, DIRIGINDO À PLATÉIA] Mas o Cavaleiro Negro vai ter esse prazer.

Carol — O que disse doutor? [MEIO ASSUSTADA]

Robledo — Nada. Eu estava pensando em voz alta. Bem, senhorita Carol, já que é a dona de tudo, qual quarto eu posso ocupar?

Carol — Sim, pois não! O número quatro é o de cima, com janela ao lado do celeiro. Serve esse?

Robledo — Está ótimo. Será por pouco tempo...

Carol — Tome a chave. Vá conhecer o quarto.

CAROL ENTREGA A CHAVE A ROBLEDO

Robledo — Fico muito agradecido. Olha, prazer em conhecê-la, senhorita Carol.

Carol — Deixe para lá a senhorita. Pode me chamar só de Carol.

Robledo — Me hospedaria aqui até que eu encontre um cômodo para o consultório?

Carol — O tempo que você quiser.

Robledo — Mais uma vez, obrigado [ESTENDENDO A MÃO E AGRADECENDO].

Carol — Boa sorte, doutor.

E DOUTOR ROBLEDO SAI DE CENA

Carol — [APÓS ROBLEDO SAIR, PENSA EM VOZ ALTA] É, o cara é gente fina. Tem muita classe!

NISSO O XERIFE ENTRA EM CENA

Xerife — Pelo jeito gostou do doutor.

Carol — É uma pessoa simpática. Acho que vamos nos dar muito bem. Sabe, xerife, já estou de saída. Vou a uma conferência. [JÁ MEIO APRESSADA]

Xerife — Esteja à vontade.

NISSO CAROL SAI DE CENA

Xerife — [À PARTE] Conferência... Ah... Chique no último!

LAREDO ENTRA EM CENA, NERVOSO, COM A MÃO ENFAIXADA GEMENDO.

Laredo — Ô xerife, deu tudo errado nosso plano.

Xerife — Chi... Chiu... Calma. Fala baixo. Sabe que temos gente nova por aqui. E a Carol saiu agora a pouco. O que aconteceu?

Laredo — O que aconteceu? Deu chulé o plano. Conseguimos deter a diligência, derrubamos o cocheiro e o guarda, mas, quando fomos retirar o baú do

dinheiro fomos surpreendidos por um misterioso Cavaleiro Negro, dando tiro por todo lado, desarmando um por um dos meus homens.

O XERIFE DÁ RISADA

Xerife — Um misterioso cavaleiro. [GARGALHADA] Um, só um. [BRAVO] Vocês eram em seis. Por que não deram cabo nele?

Laredo — Você não viu como ele atirava. Parecia artista de circo! O mascarado tinha uma pontaria infalível. Numa distância de trinta metros ele desarmava um por um de meus homens.

Xerife — Patifes! Idiotas! Imbecis! [ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO] É isso que vocês são!

Laredo — Mas deixe-me explicar, chefe...

Xerife — Cale-se! Onde já se viu um bando de homens barbados dominados por um Cavaleiro Negro. E desviaram o dinheiro para onde?

Laredo — Não sabemos, mas vamos descobrir!

Xerife — Não, não, não façam nada. Numa hora dessas é preciso agir com toda cautela. Primeiro temos que descobrir quem é esse tal cavaleiro misterioso que está atrapalhando nossos planos. E de onde surgiu.

Laredo — E nós?! Como ficamos? Continuamos duros?

Xerife — Danem-se. Vocês não querem viver sem trabalhar? Vamos sair daqui. Pode chegar alguém. E outra coisa: as paredes têm ouvidos. Não quero me arriscar.

Laredo — Tem razão, chefe!

Xerife — E não se esqueça de uma coisa: ninguém pode saber que sou eu quem comanda a quadrilha.

O XERIFE E LAREDO SAEM DE CENA. CENA VAZIA E ENTRA O DOUTOR ROBLEDADO, DIZENDO À PARTE

Robledo — Tem razão, xerife, as paredes têm ouvido. Estou de olho em vocês! Preciso arranjar novas vestes do Cavaleiro Negro. A minha rasgou nesse incidente. E não posso parar. Já comecei e vou até o fim! Aliás, não eu e sim o Cavaleiro Negro. Então agora já sabemos que o xerife é o chefe do bando. Laredo é pau mandado. Preciso agir. Estou pensando em fazer uma visita à loja de Carol. Ah, se descobrirem que o dr. Robledo e o Cavaleiro Negro são a mesma pessoa! Daí sou eu que estou em maus lençóis. Aqui vai ser o lugar ideal para por minhas coisas nos eixos e a cidade também, é claro! Só preciso estar habituado a certas coisas, e a certas gentes, e pronto! [UM TROPEL DE CAVALO POR TRÁS DO PALCO]. Parece que alguém está chegando. Vou me recolher, estou

precisando de um banho quente.

E O DOUTOR ROBLEDO SAI DE CENA. AO SAIR, ENTRAM O XERIFE E LAREDO.

Laredo — E agora? Qual é o próximo plano?

Xerife — Chiu... Deixe-me ver se não tem ninguém a ouvir. Temos que ter todo o cuidado, já disse! Ninguém pode ouvir nosso papo a respeito de negócios.

Laredo — Está bem! E então? [PREOCUPADO] Os homens já estão ficando sem grana.

Xerife — Por enquanto, não vamos fazer nada.

Laredo — Como assim?!

Xerife — Para não ficarem sem chumbo, assaltem a loja de Carol.

Laredo — Virge! Só faltava essa! Aqui na cidade?!

Xerife — Sim, soube que ela teve uma ótima renda hoje. Combine com os homens e vão assaltar o estabelecimento lá pras duas horas da madrugada

Laredo — [JÁ CONCORDANDO COM A IDEIA] É uma boa. A hora que está vindo o sono pesado...

Xerife — [AO SAIR] Então, não vão dormir. Poderão perder hora. E não se esqueça dos meus cinquenta por cento. Eu dou a dica e as ordens! Todo negócio aqui sou eu quem comanda. Estou sendo claro?

Laredo — Claro, xerife. Já estou careca de saber. Vou preparar os homens.

E LAREDO SAI DE CENA. EM SEGUIDA, ENTRA EM CENA JACK PALOMA.

Xerife — Jack, o que faz uma hora dessas? Um homem de tanta responsabilidade vagando por aí?

Jack Paloma — Não, não estou vagando à toa! Meu capataz está me esperando na charrete. Vim ver se encontro um remédio pra Clotilde. Ela não está passando bem. Mas não vai ser fácil, está tudo fechado.

Xerife — Também, a estas horas...

E AMBOS OLHAM NO RELÓGIO.

Jack Paloma — É. Nem vou voltar no sítio. Vou acabar de amanhecer no celeiro. Após o amanhecer eu me viro. Até mais, xerife.

DESPEDEM-SE E JACK PALOMA SAI DE CENA.

Xerife — [A SÓS] Bem, eu também vou puxar um ronco. Daqui a pouco vou estar com uma grana extra no meu bolso... Já está quase na hora dos homens fazerem o roubo.

O XERIFE DÁ UMA RISADA, DEPOIS UM RISADÃO E SAI DE CENA. NA CENA VAZIA,

UMAS TOSSES, QUANDO ENTRA, MEIO COM SONO E ABRINDO A BOCA, O DOUTOR ROBLEDO. ELE PEGA UMA JARRA COM ÁGUA E DESPEJA NUMA CANECA, DIZENDO:

Robledo — Estou abrindo a boca de sono. E não consigo dormir. [TRANQUILO, SENTA-SE, DIZENDO] Não sei o que está passando pela minha cabeça, mas tenho um pressentimento que está acontecendo alguma coisa, ou vai acontecer! Sei lá! E boa coisa que não é... Bem, deixe pra lá. Vou voltar pro meu leito. [QUANDO, DE SOPETÃO, JACK PALOMA ENTRA EM CENA] Olá amigo! O senhor deve ser...

Jack Paloma — Jack Paloma. E o senhor?

Robledo — Eron, Eron Robledo.

Jack Paloma — Isso mesmo, o novo médico, doutor Robledo. Já estava me esquecendo. [PONDO AS MÃOS NA CABEÇA]

Robledo — O que se passa, amigo? Parece estar muito aflito.

Jack Paloma — [DIZENDO OLHANDO PARA O FUNDO DO PALCO] Dá um tempo Ambrósio! Já vou aí! [OLHA PARA ROBLEDO] É que eu vim aqui em busca de um remédio e ficou tarde, já é madrugada. E resolvi passar a noite por aqui mesmo. Mas fiquei grilado com uma coisa que acabei de ver neste momento. Acho até que devo avisar o xerife...

DOUTOR ROBLEDO IMPEDE RÁPIDO

Jack Paloma — O que está acontecendo, doutor?!

Robledo — Não vai avisar ninguém. O que você viu?

Jack Paloma — Um grupo de cavaleiros saindo lentamente da cidade. Não iam indo a uma festa, estavam com mochilas.

DOUTOR ROBLEDO DESCONFIA, DIZENDO

Robledo — Bem que eu estava grilado...

Jack Paloma — O que disse, doutor?

Robledo — Deixe pra lá... Já está amanhecendo. [A PARTE] A esta altura do campeonato, não há tempo para o Cavaleiro Negro.

JACK PALOMA FICA CONFUSO

Jack Paloma — Que Cavaleiro Negro?!

Robledo — Deixe pra lá, Jack. E uma longa história...

COÇANDO A CABEÇA, JACK PALOMA DIZ

Jack Paloma — Antes de fundir a minha cuca, vou chegando. Passar bem, doutor!

E DESPEDEM-SE

Robledo — Você também!

JACK PALOMA SAI DE CENA

Robledo — [A PARTE] Amanheceu o dia. Agora o que mais podemos fazer? Logo a gente vai saber dos acontecimentos! É preciso um café bem reforçado para aguentar. [PENSATIVO] Preciso de um disfarce, rápido.

ENTRA CAROL, CHORANDO.

Robledo — Nossa! O que aconteceu, Carol?

Carol — Assaltaram minha loja! Levaram tudo: renda do dia, coisas valiosas que estavam ainda na embalagem... Estou arrasada, Doutor.

Robledo — Calma... Calma... Me conte como foi.

Carol — Depois lhe conto. Vou avisar o xerife.

CAROL SAI DE CENA. A SÓS, PENSATIVO ROBLEDO

Robledo — Coitada da Carol. Ficou sem a renda de hoje. Preciso conhecer o xerife do Colorado. Deve ser um palerma. Bem, não tenho nada a ver com isso. Sou apenas médico e vou exercer minha profissão. E vai ser aqui no Colorado!

NISSO CAROL ENTRA NOVAMENTE E DIZ

Carol — Está dormindo o infeliz. Será que vai adiantar?

Robledo — Sei lá, sou novato aqui. Você deve conhecer o seu delegado.

Carol — Eu sei. Mas é preciso registrar a queixa.

Robledo — Faça isso, Carol. Está dentro da lei!

Carol — Uhm... E você ainda insiste em fazer carreira de médico num lugar desses. Não acredito!

CAROL SAI DE CENA, MAS ROBLEDO INTERVÉM

Robledo — Quem poderia praticar esse assalto?

Carol — Uhhh, quem mais? Só pode ser Laredo e seu bando. Essa quadrilha é terrível. Estou dizendo, Dr. Robledo. Ninguém tem mais sossego.

Robledo — Mas não é só ele. Tem mais gente. Gente importante no meio...

Carol — Como assim?!

Robledo — O cabeça. Quem sabe as dicas, quem dá as ordens. Quem chefia...

Carol — Você acha que...

Robledo — Eu não acho nada. Eu sou médico!

Carol — Todos aqui temem Laredo e seu bando. O senhor também não pode

nos ajudar.

Robledo — Nessa parte não, Carol. Não é da minha conta.

Carol — Não sei o que estou fazendo aqui! Até mais, doutor...

E CAROL SAI DE CENA. ROBLEDO, SENTANDO, PENSA E DIZ

Robledo — [À PARTE] Mas como que pode um bando de desordeiros governarem uma cidade? Não... Não está certo. E não há ninguém capaz de impedir isso. Todos temem Laredo e seu bando. Ninguém ousa enfrentá-lo. Afinal, que tipo de gente é essa? Antes de entrar na faculdade de medicina eu era vaqueiro. Manejava o laço e tinha prática em sacar o revólver e atirar rápido. Será que ainda consigo? Deixe-me experimentar.

E, ABRINDO AS MALAS, RETIRA UM CINTURÃO COM UM COLT E PÕE NA CINTURA. EM SEGUIDA, EXPERIMENTA SACAR RÁPIDO

Robledo — Está certo. Com mais um pouco de prática conseguirei sacar mais rápido. Quanto à pontaria, não há problema. Fui campeão de tiro ao alvo no exército.

GUARDA O CINTURÃO NA MALA, E FECHANDO-A, PENSA E DIZ:

Robledo — O doutor Robledo é um pacato médico. Não poderá fazer isso. Pois um médico deve salvar vidas, não tirar. O doutor Robledo não pode nem mesmo fazer justiça, mas um personagem estranho poderá: O Cavaleiro Negro.

**PANO**

**FIM DO 1º ATO**



**2º ATO**

EM CENA, ROBLEDO. NISSO ENTRA EM CENA CAROL

Carol — Olá, doutor Robledo. Sumiu por uns dias... Creio que já arranjou cômodo para o consultório.

Robledo — É. Não foi difícil, senhorita Carol. De fato consegui um no centro mesmo. E como você tem passado?

Carol — Eu estou bem. Sabe que ontem me assaltaram novamente? Mas foi um assalto engraçado.

Robledo — É? Como assim? [À PARTE] Ela não sabe de nada.

Carol — Desta vez o assaltante foi generoso.

Robledo — Bem, não entendo.

Carol — Explicarei. O indivíduo entrou pelo alçapão de cima, escarafunchou todas as coisas da loja e levou uma calça preta, camisa preta e uma bota da mesma cor. E cortou um pedaço de pano de uma peça inteira.

Robledo — Mas não é possível, Carol.

Carol — É, o engraçado é que ele deixou em cima do cofre uma certa importância em dinheiro que pagava toda a despesa e com lucros. Não é interessante?

Robledo — Interessante mesmo. Quem será esse doido?

Carol — É o que eu desejava saber também. Se eu explicasse o fato ao xerife, ele riria, não acha?

Robledo — É... Não sei... Talvez... Nem eu consigo acreditar. E, sinceramente, não estou zombando da senhorita, Carol.

SAINDO, À PARTE, DIZ

Robledo — Ela não sabe que o doutor Robledo e o Cavaleiro Negro são a mesma pessoa.

Carol — Faça o favor, doutor. Me acompanhe e verá. Ainda deixei como estava.

Robledo — Senhorita Carol, eu...

CAROL PEGA NA MÃO DE ROBLEDO

Carol — Não, nada disso. Não gosto de passar por mentirosa. Venha e verá [ARRASTANDO ROBLEDO].

SAEM DE CENA CAROL E ROBLEDO. CENA VAZIA.

NISSO O XERIFE ENTRA EM CENA DEFRONTANDO-SE COM LAREDO

Xerife — Conseguimos algum dinheiro com o roubo da loja, mas precisamos descobrir quem é esse mascarado. Liquidem-no.

Laredo — Descobrir como?

Xerife — Está vendo como você é um idiota. Nem para isso não tem ideias.

Laredo — Não há solução nenhuma.

Xerife — Estúpido! É claro que há. Para qualquer problema tem que haver uma solução. Ouça minha ideia: faça um concurso de pistoleiros na cidade. Daremos um prêmio bem elevado ao pistoleiro que conseguir ser mais rápido e mais certo. E, então, esse pistoleiro que conseguir fazer o quase impossível só poderá ser o Cavaleiro Negro. Aí então prepararemos uma emboscada.

Laredo — Entendo. No meio de muitos homens, ele aparecerá sem máscara, interessado no prêmio. Magnífica ideia!

Xerife — Então se apresse! Diga aos homens que preparem o tablado, o lugar da assistência e os alvos.

Laredo — É pra já chefe.

LAREDO SAI DE CENA. À PARTE, O XERIFE DIZ

Xerife — Essa é boa! Agora que a cidade está em nossas mãos surge lá não sei de onde um Cavaleiro Negro para nos atrapalhar. Mas isso nunca! É agora que eu estou acertando o meu passo... [GARGALHADA].

NISSO UMA PEDRA É ROLADA NO PALCO COM UM BILHETE ESCRITO. XERIFE SE ASSUSTA E...

Xerife — Hein?! Quem atirou isto?! Um bilhete. Vejamos o que diz: [APANHA E LÊ, DIZENDO] Caro delegado, sua presença na cidade e seus gestos me enojam. Sinto muito em atrapalhar seus planos. Não aprecio a falta de caráter de um homem. O Cavaleiro Negro.

COM RAIVA, ELE AMASSA O PAPEL E GRITA

Xerife — Laredo! Laredo!

NISSO LAREDO ENTRA EM CENA

Laredo — Pronto, chefe!?

Xerife — Agarrem o Cavaleiro Negro! Ele está por aqui.

Laredo — Hei, homens! [E SACANDO O REVÓLVER] Cerquem a rua! Não deixem escapar.

AMBOS SACAM O REVÓLVER E SAEM DE CENA. DEPOIS, POR TRÁS DA CORTINA TRAVAM UM TIROTEIO. LOGO MAIS O DELEGADO ENTRA.

Xerife — Os homens têm razão. Jamais vi uma rapidez igual. O Cavaleiro Negro logrou todo mundo e deu no pé. Mas não faz mal. Veremos no dia do concurso quem é o Cavaleiro Negro.

LOGO MAIS LAREDO ENTRA EM CENA

Laredo — Você viu como é o tal, chefe?

Xerife — Sim, mas nós descobriremos e ainda hoje o liquidamos. Esperaremos pelo concurso. Quando ficará pronto? É melhor fazer hoje mesmo a propaganda.

Laredo — Amanhã podemos começar o espetáculo de manhã. Que tal?

Xerife — Isso! Faça os homens trabalharem e amanhã às 08 horas iniciaremos o espetáculo. Sem dúvida descobriremos a identidade do Cavaleiro Negro.

Laredo — Tião foi baleado no ombro e está mal, chefe.

Xerife — E porque não chamaram o médico? Sabe que temos um excelente médico agora na cidade?

Laredo — Sim. Eu já ouvi falar mesmo, o doutor Robledo.

Xerife — Mas não o ameaça. Ele é um bom médico, mas fica apavorado só de ver um revólver.

DÃO GARGALHADAS E LAREDO SAI DE CENA. À PARTE, O XERIFE DIZ

Xerife — [À PARTE] Se este concurso falhar estarei perdido. O Cavaleiro Negro deve ser um dos homens mais rápidos no gatilho desta cidade. Espero que esse prêmio elevado que vou oferecer o entusiasme. Quando descobirmos, desarmaremos e cercaremos o intruso. E então, nós o liquidaremos!

DOUTOR ROBLEDO ENTRA EM CENA COM UMA MALETA, DIZENDO

Robledo — Com licença, xerife.

LAREDO ENTRA EM CENA

Xerife — Tem toda, doutor Robledo.

Robledo — Vim extrair a bala de um de seus homens.

Xerife — Sim, isso mesmo. Tião não está muito bom. Laredo o levará até ele.

Laredo — Não tenha medo, doutor. Desta vez não o faremos dançar.

GARGALHADAS. O MÉDICO CONTINUA SÉRIO.

LAREDO E DOUTOR ROBLEDO SAEM, ENTRANDO NO COMPARTIMENTO.

Xerife — [À PARTE] O médico parece um cão assustado. Vou fazer ele suar frio no concurso. Quero ver sua expressão quando eu lhe der um revólver. A cidade inteira rirá do doutor Robledo. Este sarro fará parte do espetáculo.

GARGALHADA. CAROL ENTRA EM CENA

Carol — Xerife, ouvi dizer que amanhã vai haver um concurso de tiro ao alvo e quero me candidatar também. Atiro mais ou menos e quero disputar o prêmio. Me esforcei. Posso ou não?

Xerife — Mas é claro, senhorita Carol. Já vi você atirar. Não atira mal, não... Talvez consiga mesmo. Por que não tentar? O prêmio será de milhões.

O DOUTOR ROBLEDO ENTRA EM CENA

Robledo — Olá, senhorita Carol. Nos encontramos novamente.

Carol — Olá, doutor. Noto que já começou a ter clientes.

Robledo — Não há perigo, senhor delegado. A bala não o atingiu. Pegou de raspão, ferindo-o só. Amanhã ele estará bem.

Xerife — Obrigado, doutor. Vá amanhã ao concurso que lhe pagarei.

Robledo — Se for possível acertar hoje é melhor. Não suporto estar em lugar que não aprecio e, principalmente, num estande de tiro ao alvo.

Xerife — Sinto muito, mas só lá o pagarei.

Robledo — Outro dia então acertaremos.

Xerife — Saiba, doutor Robledo, que está convidado desde já a participar deste concurso.

Robledo — Oh! Eu? Jamais...

Xerife — Não vai recusar-se ao delegado, que manda nesta cidade, não é?

DELEGADO LEVA A MÃO NA CORONHA DO REVÓLVER

Robledo — Bem... Bem... Está bem, irei.

OUVE-SE A GARGALHADA DO DELEGADO

**PANO**

**FIM DO 2º ATO**

**3º ATO**

CENA VAZIA. DIA SEGUINTE.

DOUTOR ROBLEDO ENTRA EM CENA

Robledo — Como vai, delegado?

Xerife — O que quer aqui, doutor?

Robledo — Vim buscar o meu dinheiro.

Xerife — Que dinheiro? Não lhe devo nada

Robledo — Se esqueceu que era para acertarmos o pagamento no concurso?

O DELEGADO SACA O REVÓLVER E DIZ

Xerife — Dê o fora antes que eu lhe faça um furo.

Robledo — Mas... Del... Delegado...

Xerife — Caia fora, já lhe disse!

Robledo — Es... Está bem.

E O DOUTOR ROBLEDO SAI DE CENA.

Xerife — [À PARTE] Tem medo de morrer? [GARGALHADA] Não faremos isso doutor. Precisamos de seus remédios às vezes [GARGALHADA]. Bem, vou tomar um trago no saloon.

O XERIFE SAI DE CENA.

CENA VAZIA, ATÉ QUE CAROL ENTRE EM CENA

Carol — O delegado embrulha até o diabo. Disse que o prêmio seria de milhões e, no entanto, o cheque era de 500 dólares. Serve, para não ficar sem chumbo no bolso... Fiquei pensando no misterioso que roubou minha loja naquela noite. Deve ser esse misterioso, o Cavaleiro Negro. Se ele agir mesmo, será o fim da trilha para os bandidos do Colorado. Oh, Cavaleiro Negro, não estou com ódio de você. Daria tudo para vê-lo um dia.

NESTE MOMENTO, O DR. ROBLEDO ENTRA EM CENA COMO O CAVALEIRO NEGRO.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Aqui estou senhorita, Carol.

Carol — Oh!... O... Cavaleiro Negro!

Robledo (Cavaleiro Negro) — Em carne e osso. Não se assuste, não me deve nada.

Carol — Quem és? E porque usa máscara?

Robledo (Cavaleiro Negro) — É um segredo. Pode me chamar de o Cavaleiro Negro. Vou lhe dar um conselho. O Xerife e o Laredo desconfiam de você, Carol, e de Jack. Pensam que um de vocês é o Cavaleiro Negro. Mas eles vão

ter uma decepção...

SAEM. CENA VAZIA. EM CENA, O XERIFE.

Xerife — [À PARTE] Dentro em pouco saberei quem é o verdadeiro Cavaleiro Negro. A não ser que meu truque falhe. O contemplado não chegará a gastar um dólar do prêmio.

NISSO LAREDO ENTRA EM CENA

Laredo — Pronto, chefe. Terminou o espetáculo.

Xerife — E então, a que conclusão chegamos?

Laredo — Sinceramente, como juiz do concurso, não vi tanta rapidez igual à do Cavaleiro Negro.

Xerife — Quem atirou melhor?

Laredo — Em meu modo de pensar, os dois atiradores que disputaram a final do concurso.

Xerife — Quem são os dois?!

Laredo — O estancieiro, Jack Paloma, e a dona do hotel e loja, senhorita Carol.

Xerife — A senhorita Carol!

Laredo — Sim, a disputa foi dura, mas Carol conseguiu levar o prêmio prometido.

Xerife — E qual dos dois poderá ser o Cavaleiro Negro?

Laredo — Não sei, não tenho ideia. Ah sim, o médico perguntou por você, queria acertar.

Xerife — Aquele idiota, acertar o quê? Ele tomou parte no concurso?

Laredo — Sim, mas errou até a placa do alvo. Não sabia nem como segurar o revólver.

Xerife — Bem, deixemos ele de lado. Agora precisamos deter o Cavaleiro Negro e acabar com ele. Vá à casa de Jack. Revistem-no. Se encontrarem a veste do Cavaleiro Negro, acabem com ele.

Laredo — E se ele escondeu em algum lugar?

Xerife — O mais certo. Liquidem-no.

Laredo — Está bem, chefe.

E LAREDO SAI DE CENA

Xerife — [À PARTE] Será Jack? Ou Carol? Não, Carol não pode ser. Uma mulher sendo o Cavaleiro Negro, não posso acreditar.

CAROL ENTRA EM CENA

Carol — Delegado, eu ouvi qualquer coisa a meu respeito. Estou enganada?

Xerife — Não... Não está não. Estava aqui pensando em voz alta. Carol, você atira bem. Por acaso planejava alguma vingança?

Carol — Não sei do que está falando.

E O XERIFE, RETIRANDO O REVÓLVER DO COLDRE APONTA PARA CAROL, ABORDANDO-A DIZENDO

Xerife — Você está presa!

Carol — Qualé Xerife! Não fiz nada. O que está acontecendo? Está me estranhando?

Xerife — Me acompanhe.

CAROL LEVANTA AS MÃOS E É DESARMADA PELO XERIFE. NISSO ENTRA EM CENA O CAVALEIRO NEGRO.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Fim da linha, delegado. Você é que está preso.

O XERIFE SE VÊ PERDIDO, E PEGA CAROL COMO REFÉM, DIZENDO

Xerife — Se você der mais um passo eu mato ela.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Solte a arma e não sairá machucado.

Xerife — Ninguém vai me prender. Sou eu o delegado.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Sinto muito. É um aviso! Não diga que eu não avisei.

NISSO CAROL DÁ UMA PISADA NO PÉ DO XERIFE, TIRANDO A SUA ATENÇÃO, O CAVALEIRO NEGRO APROVEITA PARA DISPARAR, ACERTANDO A MÃO DO XERIFE, QUE FICA TOTALMENTE DESARMADO, GEMENDO DE DOR.

Xerife — Maldito! Você furou a minha mão!

NESSE ÍTERIM, CAROL ESCAPA E VEM PARA OS BRAÇOS DO CAVALEIRO NEGRO.

Xerife — Jamais vou conseguir atirar com ela.

Carol — Não se preocupe. Tenho um amigo que é um excelente médico. Ele vai deixar a sua mão zero quilômetro.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Como?! Tem médico aqui na cidade?

DIZ CAROL, BEM SERIAMENTE.

Carol — Agora temos, o doutor Eron.

Xerife — Eron?

ENQUANTO ISSO, O XERIFE É ALGEMADO.

Carol — Sim, Eron Robledo.

Xerife — Eu já devo uma grana a ele.

Robledo (Cavaleiro Negro) — É xerife, vai ter que pagar o doutor.

NISSO OUVES-SE UM TROPEL DE CAVALOS POR TRÁS DA CENA. O CAVALEIRO NEGRO TENTA ESCONDER CAROL, QUE SE ABRIGA EM ALGUM LUGAR DO PALCO.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Quietos! Deve ser o bando de Laredo.

Xerife — Agora quero ver como você vai sair dessa, Cavaleiro.

O CAVALEIRO MANDA CAROL AMORDAÇÁ-LO.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Você não vai nenhum pio, Xerife.

DEPOIS DE TODOS JÁ ABRIGADOS, LAREDO E MAIS DOIS OU TRÊS HOMENS CHEGAM

Laredo — Chefe!... Chefe!... Xerife!... É estranho... Sempre está por aqui... Xerife!

ENTRA O CAVALEIRO NEGRO POR TRÁS DELES E SURPREENDE-OS. LAREDO E SEUS COMPARSAS TENTAM SACAR A ARMA, MAS SÃO DESARMADOS A TIRO PELO CAVALEIRO NEGRO.

Robledo (Cavaleiro Negro) — Acabou, Laredo.

DERROTADOS, OS BANDIDOS PEDEM CLEMÊNCIA.

OS FIGURANTES — Não nos mate, homem de preto.

E AMARRANDO TODOS COM A AJUDA DE CAROL, O CAVALEIRO NEGRO DIZ

Robledo (Cavaleiro Negro) — Me ajude aqui. Vamos prender todos.

E RECOLHEM TODOS PARA O FUNDO DO PALCO, ISSO É, PARA DENTRO DA CORTINA, NO VAPT-VUPT. DÁ VOLTAM A ENCENAR NOVAMENTE. O CAVALEIRO NEGRO E CAROL EM CENA.

Carol — E agora?! O que faremos?

Robledo (Cavaleiro Negro) — Calma, Carol.

Carol — Não podemos manter esses prisioneiros por muito tempo fechados.

Robledo (Cavaleiro Negro) — É, eu sei. A cidade está sem lei [ELE RETIRA UM PAPEL DO BOLSO, FAZ UMA ESCRITA E DIZ] Passe esse telegrama ao Capitão Morgan. Ele vem buscar os homens e cuidará de tudo.

Carol — Quem é o Capitão Morgan?

Robledo (Cavaleiro Negro) — O que vai ser o novo xerife da cidade.

Carol — Como assim? Nossa, quanto mistério. Já não chega você com estas vestes pretas, e essa máscara cobrindo seu rosto. Afinal, quem é você?

Robledo (Cavaleiro Negro) — Não posso revelar, Carol.



Carol — Como apareceu aqui no Colorado?

Robledo (Cavaleiro Negro) — A cavalo. Soube que a cidade estava sendo dominada por um grupo de selvagens e resolvi vir para cá pra pôr as coisas nos eixos.

Carol — Você é, um tipo assim... Digamos... um justiceiro?

Robledo (Cavaleiro Negro) — Talvez... Ah sim, não se esqueça do telegrama. E mande um abraço ao Dr. Robledo.

Carol — Pelo menos posso ver seu rosto? [JÁ ESTENDENDO A MÃO]

Robledo (Cavaleiro Negro) — Já estou me despedindo. Carol. Adeus!

ELA PUXA A MÃO DELE, MAS É EM VÃO.

Carol — Espere aí! Eu te amo!

Robledo (Cavaleiro Negro) — [JÁ SE DESLIGANDO DELA] Um dia... Um dia a gente se vê.

O CAVALEIRO NEGRO SAI DE CENA

Carol — [JÁ MEIO GRITANDO] Não! Espere! Eu amo você! [PARA A PLATÉIA] Foi embora e não revelou sua identidade. Não sei o motivo, mas o importante é que foi desbaratinada uma das mais xaroposas quadrilhas de bandidos aqui do Colorado. A cidade vai ter um novo delegado. O capitão Morgan está pra trazer tranquilidade ao nosso povo. Mas isso vai ser uma outra história. Em outra vinda do nosso herói, “O CAVALEIRO NEGRO” [A FRASE FINAL PODE SER DITA COM O CAVALEIRO NEGRO AO FUNDO, DIZENDO JUNTO].

FECHANDO A CORTINA, QUE REABRE COM O ELENCO AGRADECENDO

**PANO**

**FIM DO 3<sup>o</sup> ATO**

**FIM / THE END**